



CONTRA AS DOENÇAS, CONHECIMENTO: A IMPORTÂNCIA DA DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES NO ENFRENTAMENTO DAS EPIDEMIAS AO LONGO DA HISTÓRIA

Érica Cavalcante Lima¹

Against diseases, knowledge:

the importance of dissemination of information in fighting epidemics throughout history

Resumo:

Partindo da experiência recentemente vivenciada com a pandemia de Covid-19 (2020-2022), onde a difusão de informações provenientes das mais diferentes fontes, nem sempre confiáveis, foi extremamente relevante para os desafios e conquistas no enfrentamento dessa crise sanitária mundial, o presente texto, debruçando-se em pesquisas que abordaram a eclosão de epidemias em outras épocas (FARREL, 2003; HARARI, 2020; BENCHIMOL, 2001) tem como objetivo tecer uma breve reflexão acerca da importância do conhecimento como um subsídio fundamental para a superação das doenças ao longo da história. Por meio de trabalhos como *Sobre a maneira de transmissão do cólera*, livro publicado pela primeira vez em 1854, pelo médico inglês John Snow, considerado pai da epidemiologia moderna, e de *Variola e Vacinação*, publicado em 1910, pelo farmacêutico radicado no Ceará, Rodolfo Teófilo, foi possível avaliar o quanto a informação, quando verdadeira e confiável, pode configurar-se em ferramenta poderosa contra o triunfo das enfermidades, ao passo que, quando errônea e fraudulenta, pode, igualmente, consistir em uma arma de grande letalidade, mas sobre os próprios homens.

Palavras-chave: Doenças. Conhecimento. Enfrentamento das epidemias.

Abstract:

Based on the recent experience with the Covid-19 pandemic (2020-2022), where the dissemination of information from the most different sources, not always reliable, was extremely relevant to the challenges and achievements in facing this global health crisis, the present text, focusing on research that addressed the outbreak of epidemics in other times (FARREL, 2003; HARARI, 2020; BENCHIMOL, 2001) aims to provide a brief reflection on the importance of knowledge as a fundamental support for overcoming diseases throughout history. Through works such as *On the Mode of Transmission of Cholera*, a book first published in 1854, by the English doctor John Snow, considered the father of modern epidemiology, and *Smallpox and Vaccination*, published in 1910, by the pharmacist based in Ceará, Rodolfo Teófilo, it was possible to evaluate how much information, when true and reliable, can be a powerful tool against the triumph of illnesses, while, when erroneous and fraudulent, it can also be a weapon of great lethality, but about the men themselves.

Keywords: Diseases. Knowledge. Fighting epidemics.

¹ Graduada em História/Licenciatura Plena (UECE). Mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior (POLEDU/UFC). Doutoranda em Educação (FACED/UFC). E-mail: ericalimaufc@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na história da espécie humana, as epidemias têm marcado capítulos significativos, as vezes sombrios e mortais. Por essa razão, sem dúvida, têm desempenhado um papel de grande relevância na trajetória dos homens ao longo de toda a sua evolução. No entanto, cabe a nós lembrarmos que vírus, bactérias e os demais micro-organismos causadores das inúmeras afecções que nos assolam, não são os verdadeiros artífices dessa história, mas sim o próprio homem. Harari (2020) ressalta que ao nos depararmos com fenômenos patológicos potencialmente ameaçadores para a coletividade, o risco maior a que estamos submetidos não provém, necessariamente, de seus agentes etiológicos, mas principalmente dos "demônios interiores da humanidade: o ódio, a ganância e a ignorância" (HARARI, 2020, p. 8), os quais exercem grande influência sobre a maneira como reagimos a tais eventos, e podem ser determinantes para a proporção que esses acontecimentos podem vir a ter.

Ao avaliar o contexto de surgimento da pandemia de covid-19, no ano de 2020, o autor ressalta que é muito mais difícil lidar com a crise imposta por esse fenômeno ao escolhermos enfrentá-la elegendo culpados para a sua causa, estimulando a manifestação de preconceitos antigos a determinadas classes e minorias e, principalmente, disseminando ignorância, ao deixar de acreditar no trabalho da ciência para nos apegarmos a teorias conspiratórias obscuras, sem qualquer fundamentação científica ou compromisso com a verdade sobre as suas causas, sintomas e tratamentos. Nesse sentido, destaca que, na história das epidemias, mormente no que diz respeito aos modos efetivos para o seu enfrentamento, a informação verídica e confiável evidencia-se como um insumo de valor inestimável, pois é através dela que toda a coletividade poderá munir-se de mecanismos verdadeiramente concretos para combatê-las.

Com o advento do covid-19, (*coronavirus disease 2019*), doença causada por um vírus do grupo dos coronavirus intitulado SARS-CoV-2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* [coronavirus tipo 2 da síndrome respiratória aguda grave]), identificada pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, que espalhou-se rapidamente por quase todos os países do mundo, os efeitos da globalização emergiram de modo significativo nos mais diferentes discursos que buscavam compreender as razões para a propagação dessa patologia que, dramaticamente, fez-nos rememorar a ideia da doença como um cataclismo coletivo, a exemplo de outras grandes pandemias que a antecederam, como a de gripe espanhola, em 1918, e a de Aids, em 1980, por exemplo.

Com países profundamente conectados em virtude, sobretudo, da economia globalizada - que diminui

as fronteiras entre os mais diferentes territórios-pessoas, mercadorias, e uma infinidade de agentes patogênicos circulam rapidamente por grandes extensões do planeta, diante desse fato e da sua clara relação com o surgimento e proliferação de novas epidemias, a compreensão acerca da necessidade de "desglobalizar" o mundo, construindo ainda mais muros, produzindo ainda mais segregações entre os povos, restringindo e dificultando a circulação de indivíduos e produtos, pode parecer, numa avaliação precipitada, estratégia eficaz para a contenção de novos surtos epidêmicos. Contudo, ao nos voltarmos para o passado, logo constatamos que as epidemias, muito antes da atual era da globalização, matavam milhões de pessoas em diferentes partes do mundo, mesmo as mais isoladas.

2. METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa científica apresenta várias modalidades, sendo uma delas a pesquisa bibliográfica, a qual será utilizada no presente artigo. Esse tipo de pesquisa é concebido por diversos autores, dentre eles Marconi e Lakatos (2010) e Gil (2002), e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica por meio de obras já publicadas. Desse modo, este trabalho, debruçando-se em pesquisas que abordaram a eclosão de epidemias em diferentes épocas (FARREL, 2003; HARARI, 2020; BENCHIMOL, 2001) tem como objetivo tecer uma breve reflexão acerca da importância da informação como um subsídio fundamental para o enfrentamento das doenças ao longo da história. Por meio de trabalhos como *Sobre a maneira de transmissão do cólera*, livro publicado pela primeira vez em 1854, pelo médico inglês John Snow, considerado pai da epidemiologia moderna, e de *Variola e Vacinação*, publicado em 1910, pelo farmacêutico radicado no Ceará, Rodolfo Teófilo, foi possível avaliar, em paralelo à experiência recentemente vivenciada com a crise sanitária mundial da pandemia de Covid-19, o quanto a informação, quando verídica e confiável pode configurar-se em ferramenta poderosa contra o triunfo das enfermidades, ao passo que, quando errônea e fraudulenta, pode, igualmente, consistir em uma arma de grande letalidade, mas sobre os próprios homens.

3. MENOS SEGREGAÇÃO, MAIS INFORMAÇÃO

Mesmo sem os inúmeros recursos de diminuição de distâncias físicas entre as diferentes partes do mundo, no século XIV, a peste negra disseminou-se da Ásia Oriental à Europa Ocidental em pouco mais de dez anos, matando mais de um quarto da população da Eurásia (cerca de 200 milhões de pessoas). Na América Central, em 1520, uma grande epidemia de variola dizimou quase um terço de sua população. Em 1918, um tipo de gripe particularmente nefasta

conseguiu se difundir dentro de poucos meses por todos os continentes, infectando meio bilhão de indivíduos e vitimando cerca de 100 milhões de pessoas em menos de um ano, muito mais do que os quatro anos de batalhas atroz da Primeira Guerra Mundial, que mataram cerca de 17 milhões entre soldados e civis. (FARREL, 2003).

No século XXI, apesar de a humanidade estar cada vez mais exposta ao acometimento de epidemias, em virtude da combinação entre crescimento da população mundial e maior desenvolvimento e eficácia dos modernos transportes globais, as epidemias matam proporcionalmente bem menos pessoas do que em qualquer outra época, mesmo com toda a aparente vulnerabilidade às enfermidades a que estamos submetidos. Isso demonstra que a melhor defesa do homem contra as doenças não consiste no isolamento ou na segregação, mas sim na aquisição de conhecimento, pois foi conhecendo as causas e os patógenos, as formas de proliferação, possíveis terapêuticas e formas de prevenção, dentre as quais a vacina, que, não sem dor, a humanidade tem conseguido triunfar sobre as epidemias, controlando-as e, por vezes, erradicando-as.

Se por cerca de quatro séculos (1348 - 1720) os surtos de peste negra vitimaram grande parte da população europeia, a qual, sem o real conhecimento sobre sua causa e maneira de transmissão, não pôde efetivar medidas concretas para o seu enfrentamento, quando do advento do covid-19 (31 de dezembro de 2019), por sua vez, os cientistas levaram apenas duas semanas para identificar seu agente etiológico, sequenciar o seu genoma e desenvolver um teste confiável para a sua detecção, aspectos fundamentais para que as primeiras medidas de combate e prevenção fossem elaboradas e orientadas para todo o planeta (uso de máscaras; higienização constante das mãos e distanciamento social). Além disso, cerca de seis meses após o surgimento do primeiro caso, conseguiram desenvolver uma vacina, que, sem dúvida, configurou-se como a principal ferramenta de controle da epidemia, após dois anos de intensa crise sanitária. Desse modo, o conhecimento é, sobremaneira, a grande ferramenta que faz diferir a luta dos indivíduos de hoje e de ontem contra as patologias que os assolam. (HARARI, 2020).

Sabendo do mecanismo por trás das epidemias e de todos os aspectos que contribuem para o seu surgimento, tais como falta de saneamento básico; insegurança alimentar; precarização da higiene e problemas ambientais, dentre outras questões, cada vez mais torna-se evidente a necessidade de compreendermos que esse tipo de problema não deve e não pode ser pensado numa perspectiva restrita, ou seja, em termos locais ou mesmo nacionais, pois a vulnerabilidade às doenças a que estão submetidas sujeitos de outros espaços, grupos, et-

nias ou culturas específicas pode, em curto espaço de tempo, representar um risco generalizado à saúde de todos. Assim, ao nos debruçarmos à análise histórica das epidemias, duas questões primordiais emergem no tocante ao modo como verdadeiramente podemos enfrentá-las, quais sejam: cooperação coletiva e compartilhamento de informações científicas confiáveis.

Não é de hoje que essa constatação parece irrefutável para os estudiosos sobre doenças epidêmicas. O médico inglês John Snow, no início da segunda metade do século XIX (1854) já defendia com bastante entusiasmo essa compreensão, transpondo-a para seu o livro *Sobre a maneira de transmissão do cólera*, obra pioneira no que posteriormente consolidou-se como investigação epidemiológica, visto que já continha todas as etapas, hoje clássicas, nesse tipo de estudo, como a definição precisa dos casos, sua contagem, distribuição, consolidação, fatores predisponentes, confirmação do surto e definição do período, formulação de hipóteses e sua confirmação, elaboração de medidas de controle, verificação de sua eficácia e disponibilização das orientações de enfrentamento à população, já que sem a ação coletiva não é possível efetivar-se o combate à doença (SNOW, 1990).

Em seu livro, Snow alerta que nem mesmo sob a ameaça de pânico da população os riscos reais causados por uma doença infecciosa e transmissível devem ser ocultados do povo, pois uma das principais ferramentas para o controle de um fenômeno epidemiológico consiste na divulgação de orientações corretas sobre quais ações devem ser empreendidas coletivamente pela comunidade, bem como pelos governantes, já que uma enfermidade transmissível ameaça a todos e a cada um (FARREL, 2003).

Além de John Snow, outro estudioso com considerável produção científica também da segunda metade do século XIX, e início do século XX, o farmacêutico brasileiro, nascido na Bahia e radicado no Ceará, Rodolfo Teófilo (1863-1932), também através de um livro, *Variola e Vacinação (1910)*, buscou chamar a atenção de todos sobre a necessidade de disponibilizar orientação e informação confiável a toda a população cearense para que através da cooperação coletiva, sobretudo por meio do compromisso com a vacinação, fosse possível debelar a variola, que ocasionava surtos epidêmicos de grande devastação no Ceará, bem como em outros estados do Brasil.

A partir dos exemplos mencionados podemos afirmar que na esfera científica, há muito se tem estabelecido a importância da aquisição e divulgação da informação como importante estratégia de enfrentamento das doenças, no entanto, quando voltamos a nossa atenção para o modo como grandes fenômenos patológicos têm sido geridos, ao longo da histó-

ria, nos deparamos com atitudes, ações e comportamentos que se contrapõem drasticamente a essa compreensão, os quais se referem ao negacionismo e tudo que a ele se relaciona, seja no que diz respeito à aceitação da existência de uma patologia epidêmica, num primeiro momento, à validação do seu real potencial ofensivo, à autoinserção nos possíveis grupos de maior vulnerabilidade, como se a doença sempre pertencesse somente ao outro, bem como à negação às orientações científicas, a qual manifesta-se com muita força na crença e divulgação de notícias/informações que as contrariam fervorosamente, ainda que sem a existência de qualquer forma de comprovação que corroborem o teor dessas afirmações. Atualmente convencionou-se classificar esse tipo de conteúdo, que, como veremos, não é fenômeno recente, de *fake news*.

Conforme aponta o estudo de Alves e Maciel (2020), a expressão *fake news* foi eleita a palavra do ano de 2017 pela editora inglesa Collins (BBC, 2017), em virtude de sua grande popularização decorrente da exacerbada utilização por parte de Donald Trump quando estava em campanha para a presidência dos Estados Unidos, em geral para se referir a notícias negativas sobre ele. O então presidencialista ao perceber o quão eficaz era a guerra de narrativas, ainda que sem qualquer preocupação com a demonstração de provas sobre a verdade de seus argumentos, utilizou-se abundantemente de teorias da conspiração e negacionismos sobre os mais diversos fatos, como ao afirmar que os democratas, partido político opositor, foram os criadores do grupo militante Estado Islâmico, ao descredibilizar a gravidade da crise climática decorrente do aquecimento global, bem como ao diminuir a importância da crise sanitária causada pelo coronavírus, por exemplo, dentre várias outras afirmações sem qualquer comprovação factual.

Vale destacar que mentiras e manipulações da verdade com alta disseminação social não são um fenômeno novo no jogo político mundial. Como bem destacam Alves e Maciel (2020), muito antes da existência da internet, várias informações inverídicas, geralmente com teor polêmico e que buscam rebater conteúdos, em tese, comprovados cientificamente, já circulavam e eram tomadas como verdades por grande parte da população. Em suma, a produção de desinformação e a crença em teorias conspiratórias não são fenômenos que pertencem exclusivamente à atualidade. (MANS, 2018).

4. O NEGACIONISMO COMO UM SÉRIO OBSTÁCULO AO ENFRENTAMENTO DAS DOENÇAS E UMA PERIGOSA FERRAMENTA POLÍTICA

Em diferentes momentos da história, sobretudo em períodos de grandes crises, sejam econômicas, poli-

ticas, culturais ou sanitárias, a proliferação de notícias falsas é bastante recorrente, e a sua dimensão claramente política é um elemento que se mantém constante quando da ocorrência desse tipo de fenômeno, em virtude do seu poder de moldar o que tomamos por realidade e, assim, beneficiar os projetos de manutenção do poder, obstaculizados por possíveis ameaças, opositores e desafetos políticos.

Sobre essa questão, Arendt (1972) ressalta que a atividade política não se preocupa em ter a verdade como parte de suas virtudes, mais importante é a aparência de verdade, ou mais que isso, a credulidade da população naquilo que se pretenda tornar verdade. Segundo a filósofa, a política busca instrumentalizar a verdade, por vezes, de maneira abusiva e perversa, a fim de produzir a aparência de realidade que deseja e que lhe convém. Nesse sentido, um instrumento de manipulação dos fatos bastante eficaz e, por isso, muito utilizado, é o revisionismo histórico com suas formas deliberadas de falseamento e invisibilização daquilo que seja considerado indesejável sobre os acontecimentos, para que se forje a narrativa favorável ao serviço de determinados propósitos políticos.

Esse tipo de estratégia, ainda segundo a autora, em seu texto *Verdade e Política*, de 1967, faz-se ainda mais presente em regimes totalitários ou com posturas autoritárias, ainda que legalmente democráticos, esse esforço em reescrever fatos do passado, ou de buscar alterar a percepção coletiva sobre os fatos do presente tendem a assumir contornos dramáticos, produzindo uma mentira generalizada, a qual, ainda que incapaz de substituir a verdade, constrói versões que enfraquecem e, até destroem de maneira irrecuperável a verdade factual.

No contexto de graves crises sanitárias quando as formas de enfrentamento vão de encontro aos interesses dos governantes, a manipulação dos dados e das informações repassadas a população, no tocante as formas possíveis de combater as doenças, tomam contornos ainda mais dramáticos, pois jogam com a vida e com a morte de um imenso contingente de indivíduos, que, crendo que os governantes responsáveis pela gestão da saúde pública são os primeiros interessados a usar todos os mecanismos possíveis para o controle dessas crises tendem a guiar-se pelas informações repassadas e defendidas por eles.

Na gestão política de fenômenos patológicos de grande impacto, os governos nem sempre voltam as suas atenções para a elaboração de estratégias que possam dirimir o avanço desses eventos que ceifam de maneira cruel a vida de muitos. É o que destaca Benchimol (2001) ao analisar a condução da epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, por parte do governo imperial, em 1849-1850, onde grande parte dos parlamentares achavam desne-

cessária a disponibilização de verbas para socorros públicos, bem como implementação de quarentena nos portos, por considerarem-nas medidas desca- bidas e extremamente prejudiciais à economia do país. Para o autor, as discordâncias na gestão das epidemias nunca se restringem a questões mera- mente sanitárias, mas, ao contrário, evidenciam os interesses políticos, culturais e econômicos que dão corpo e voz a tais dissonâncias.

Nessa esteira, é impossível não recordarmos os fatos recentes da nossa história, vivenciados durante a pandemia de covid-19 (2020-2022) no Brasil, os quais, em grande medida, estão relacionados às for- mas como tal fenômeno patológico foi gerido poli- ticamente pela principal autoridade do país, o pre- sidente da república, o qual, em vez de aliar-se às estratégias que se demonstravam as mais efetivas para o enfrentamento da doença que desafiava a sua gestão, por motivações claramente políticas, preferiu utilizar a estrutura da máquina pública para fazer cir- cular informações que contribuíram para confundir a população, descredibilizando, irresponsavelmente, a principal ferramenta que se dispunha para a conten- ção da doença, a vacinação. (AMADO, 2022).

Dessa maneira, o negacionismo aliado à difusão de informações errôneas em tempos de epidemia se impõe como um problema de ordem material, na medida em que rivaliza com o subsídio primordial para a escrita da história, as fontes, tendo em vista que busca efusivamente sugerir, ainda que sem qualquer aparato que lhe dê sustentação, a ausência do fenômeno, ou, pelo menos, da sua real impor- tância e significado. Conferindo um poder superior à narrativa, que, quase fantasmagoricamente, passa a subsumir o acontecimento em si.

Ao falarmos do fenômeno do negacionismo, so- bretudo àquele que se coloca antagonicamente às verdades científicas, é importante destacar que não nos referimos a divergências de interpretações ou pontos de vista construídos a partir da experiência vivida, mas sim daquele que é fruto da fabulação de verdades que desejam legitimar posturas, compor- tamentos e atitudes perante a coletividade, que não encontram respaldo dentro do que se conhece por "sistemas de peritos", aos quais se incluem a ciência, a estatística e a esfera pública, estruturas que, como bem aponta Cesarino (2021), sustentaram o arranjo social da modernidade durante boa parte do século XX e têm sido ferramentas valiosas no combate aos eventos patológicos de grande impacto, seja para di- rimi-los ou para preveni-los.

Tratamos, na verdade, do negacionismo construído a partir da busca por explicações a demandas pessoais pautadas apenas no conforto das suas expectativas, desprendidas da obrigatoriedade de comparação com qualquer parâmetro de realidade, como se fos-

se suficiente evocar repetidamente uma afirmação para lhe conferir o status de "verdade".

Apesar de estarmos vivenciando um momento co- nhecido por "pós-verdade", que conforme destaca El-Jaick (2019), caracteriza-se por uma espécie de *cinismo contemporâneo*, que banaliza a estratégia cética de suspender o juízo sobre qualquer declara- ção assertiva, e que deliberadamente descredibiliza a *verdade dos fatos*, mesmo depois de serem confir- mados (posteriormente) por fontes confiáveis, o fe- nômeno do negacionismo, convenientemente aliado à estratégia de proliferação de informações/notícias falsas, as quais servem para "legitimá-lo", sobretudo no que diz respeito ao enfrentamento de um grande fenômeno patológico, como o da pandemia de co- vid-19, não é uma novidade para o campo da história da saúde e das doenças.

Tem valido a pena produzir dúvidas no povo, tal es- tratégia, longe de querer incentivar a criticidade na população quanto a absorção de informações in- verídicas, tem demonstrado intenções exatamente contrárias. O estímulo ao *cinismo*, que busca incutir a compreensão que tudo o que se sabe, inclusi- ve por parte da ciência, é fruto de mera opinião, não reflete ingenuidade, e, menos ainda, decorre de alguma teoria epistemológica que reconhe- ce a falibilidade dos argumentos científicos para os fatos, inclusive os de ordem fisiopatológicas. A dúvida, o descrédito e a deslegitimação das afir- mações científicas que contrariam interesses eco- nômicos, políticos e culturais tem sido promovida, em diferentes contextos, como uma importante ferramenta de perpetuação de poder. A difusão da ignorância, nesse sentido, se torna uma estratégia pública e uma commodity preciosa com vultosos investimentos. (LATOURE, 2018). É preciso estarmos em constante vigilância, nesse sentido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem destaca Rosen (1994), os maiores pro- blemas de saúde que os homens têm enfrentado ao longo de sua história estiveram relacionados com a natureza da vida comunitária, pois a doença é inerente à vida, que só se desenvolve através da interação dos homens com a natureza. Nesse sentido, saber como lidar, como enfrentar, combater e prevenir as patologias que, em muitos aspectos, perduram em diferentes épocas, mas que também se modificam, surgindo completamente novas, a partir das formas com as quais vamos nos relacionando com o meio, é o que, de fato, faz a vida humana triunfar sobre os patógenos. Dessa maneira, o conhecimento e a in- formação se fazem preponderantes para promover a saúde e prevenir e combater a doença. Nessa luta, é fundamental, portanto, que nos sobressaiamos, pri- meiramente, à ignorância.

Corroborando essa compreensão, Harari (2020) ressalta que nossa grande vantagem sobre os patógenos é a nossa habilidade de cooperar de forma efetiva. E, para o autor, de todas as formas de cooperação que conseguimos desenvolver ao longo de nossa evolução, o compartilhamento de informação é provavelmente o mais importante, pois sem informações precisas, sem saber como agir diante dos acontecimentos, somos completamente vulneráveis. Portanto, em épocas de crise, sobretudo as sanitárias, precisamos que as informações verídicas fluam livremente. Contudo, ainda conforme alerta o referido historiador, é importante lembrarmos, após a passagem dessas crises, que se quisermos contar e usufruir da informação científica confiável em momentos de emergência, as quais são cruciais para que superemos as ditas crises, devemos investir nelas em tempos de "normalidade".

As soluções para debelar a devastação desses fenômenos não surgem por milagre, são antes frutos de pesquisas incansáveis, que para serem desenvolvidas necessitam de instituições independentes e fortes, que tenham como principal objetivo pesquisar a verdade, com a liberdade de poder proferi-la ao mundo, sem o receio de serem punidas por governos e demais poderes constituídos comprometidos com outros interesses que, por vezes, são incompatíveis com as reais formas de se lutar pela vida diante desses impactantes eventos mórbidos, como as epidemias.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das *fake news*: definição, combate e contexto. **Internet e Sociedade**, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- AMADO, Guilherme. **Sem máscara**: O governo Bolsonaro e a aposta pelo caos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- ARENDT, Hanna. **Verdade e Política**: Entre o passado e o presente. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- BBC. 'Fake News' é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. **BBC**, 2017. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BENCHIMOL, Jaime Lerry (Org). **Febre Amarela**: a doença e a vacina, uma história inacabada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- CESARINO, Leticia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha**, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.
- EL-JAICK, Ana Paula Grillo. Pós-verdade, ficção, fake news. **Fragmentum**. Santa Maria, v. 53, p. 41-57, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179219434906>.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia**: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LATOUR, Bruno. **Down to Earth**: politics in the new climatic regime. Medford, MA: Polity Press, 2018.
- MANS, M. A era da pós-verdade. **Revista BR**, ed 14, ano 9, p. 5-11. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.nic.br/media/docs/publicacoes/3/revista-br-ano-09-2018-edicao14.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ROSEN, George. **Uma História da Saúde Pública**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994.
- SNOW, John. **Sobre a Maneira de Transmissão do Cólera**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1990.
- TEÓFILO, Rodolfo. **Variola e Vacinação no Ceará**: nos anos de 1905 a 1909. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.